

A CONSTRUÇÃO DA LUTA E DE SUAS GENTES

O BAIRRO EDUCADOR DE HELIÓPOLIS E REGIÃO

CADERNO 1
OS 5 PRINCÍPIOS

FICHA TÉCNICA

Ficha técnica

Título:

A construção da luta e de suas gentes: o bairro educador de Heliópolis e região.

Caderno 1 – Os cinco princípios

Autora:

Laila Sala

Produção editorial, pesquisa e revisão técnica:

Marília de Santis, Laila Sala, Bruno Reikdal de Lima e

Beatriz Bondi Felix dos Reis

Capa:

Douglas Cavalcanti

Projeto gráfico e diagramação

Laila Sala

Curadoria:

Marília de Santis

Projeto de extensão Universidade Federal do ABC:

Produção e reprodução do conhecimento: fortalecendo as bases de um bairro educador.



A construção da luta e de suas gentes: o bairro educador de Heliópolis e região

Copyright © 2022 UNAS - União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sala, Laila

A construção da luta e de suas gentes [livro eletrônico] : o bairro educador de Heliópolis e região : caderno 1 : os cinco princípios / Laila Sala ; curadoria Marília De Santis. -- São Paulo, SP : UNAS - União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região, 2022. -- (Cadernos de práticas educativas de Heliópolis ; 1)

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-997930-0-4

1. Educação - Heliópolis (Bairro, São Paulo, SP)
2. Política e educação 3. Prática pedagógica
- I. Santis, Marília De. II. Título. III. Série.

22-112525

CDD-370.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e sociedade 370.19

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

ISBN: 978-65-997930-0-4



SUMÁRIO

LUTAR É SONHAR COM AS MÃOS _____ Pg.01

DE FAVELA A BAIRRO EDUCADOR _____ Pg. 05

O QUE É O BAIRRO EDUCADOR? _____ Pg. 16

* Educação Integral _____ Pg. 17

* Cidades Educadoras _____ Pg. 18

* Esperança como perspectiva política _____ Pg. 19

APROFUNDANDO OS 5 PRINCÍPIOS _____ Pg. 21

* Tudo passa pela educação _____ Pg. 21

* A Escola como centro de liderança _____ Pg. 22

* A Autonomia _____ Pg. 23

* A Responsabilidade _____ Pg. 24

* A Solidariedade _____ Pg. 25

REFERÊNCIAS _____ Pg. 26

LUTAR É SONHAR COM AS MÃOS¹

Essa publicação tem como objetivo reunir algumas práticas do Bairro Educador de Heliópolis para nós mesmas/os, que dia a após dia amassamos barro - como é comum dizermos por aqui - e também para quem não nos conhece tão de pertinho.

Dissemos “algumas práticas” porque será impossível falar de todas, já que nós estamos vivos, cotidianamente transformando o mundo e, ao fazê-lo, transformamos a nós mesmas/os também.

Divulgação da Caminhada Pela Paz



Fonte: Acervo UNAS

Como nos ensinou Paulo Freire: a prática educativa não é um fazer neutro, é sempre um ato político. E não é de qualquer política que falamos. É daquela que sonhamos com as nossas mãos que lutam.

Assim entendemos que precisávamos começar pelos princípios - com o perdão do tro-

¹ - Sérgio Vaz - publicado em seu perfil no Instagram.

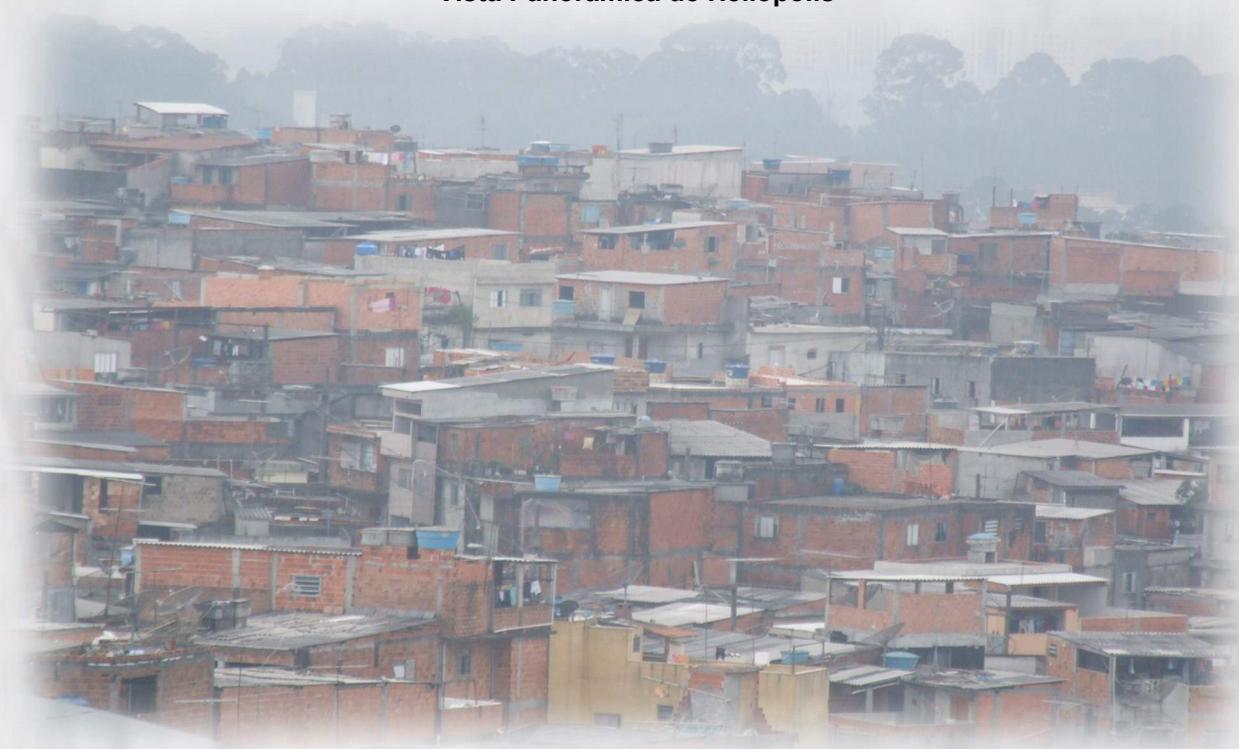
cadilho! - do nosso Bairro Educador, pois eles dizem muito sobre quem nós fomos, quem nós somos, e quem queremos ser.

O que pode a reflexão quando nossa vontade de vida e a urgência do cotidiano nos impele à ação?

Aprendemos com a nossa trajetória que a história das violências sofridas é também a história das resistências, que as conquistas do Bairro Educador são resultado de nossa união. Essa história de conquistas se sustenta a partir de 5 princípios que nos fazem humanos e nos lembram da humanidade nos outros. E nos lembramos que somos fortes. Com Paulo Freire, aprendemos que isso se chama esperar: persistir na denúncia das injustiças, e, de dentro delas, anunciar que a construção de um novo tempo é possível.

Nossos princípios nasceram antes mesmo de serem nomeados, ou seja, fazem parte do nosso passado, estão na nossa memória, na nossa história, na nossa pele. Ao mesmo tempo, eles são vividos no presente, em nosso cotidiano, nas relações de agora. Eles também guiam os nossos passos futuros, são a nossa utopia, o nosso sonho.

Vista Panorâmica de Heliópolis



Fonte: Acervo UNAS

Crianças em atividade em CEI da UNAS

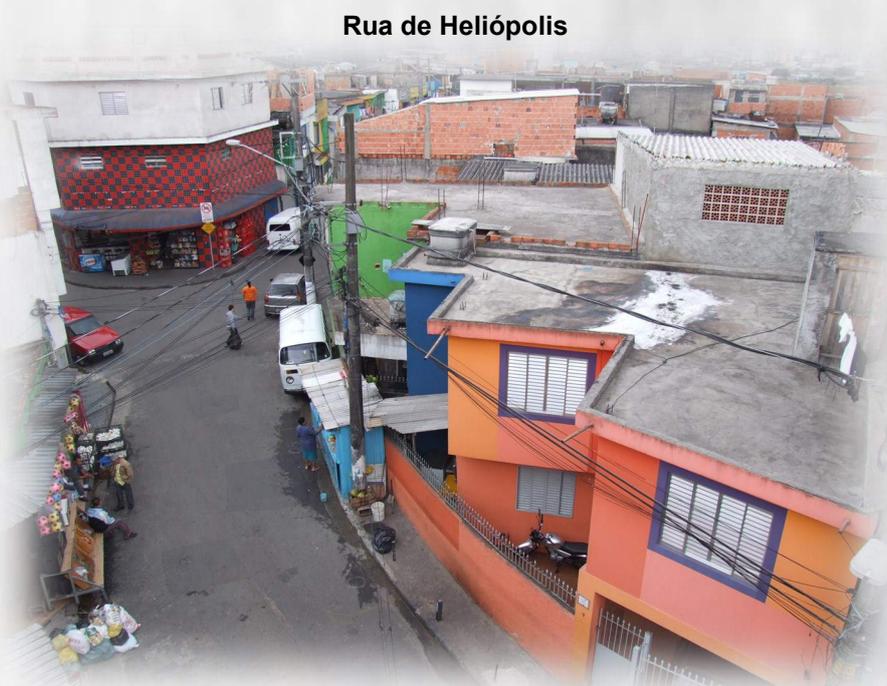


Fonte: Acervo UNAS

É só reparar um pouco para perceber que os 5 princípios nasceram das nossas práticas e todos os dias voltam a elas, nos fortalecendo para enfrentar de modo cada vez mais consciente os desafios cotidianos. Em cada dia vivido no Bairro Educador, aprende-se alguma coisa a mais sobre os 5 princípios, em um processo de atualização cotidiana feito por cada uma e cada um que compõem esse “nós”, nutrindo a esperança de todas e todos e estreitando ainda mais os laços que nos tornam uma comunidade.

Paulo Freire defendia que dizer “a palavra” deve ser direito de todas e todos. Mas não se trata de qualquer palavra, trata-se da **palavra verdadeira**. Uma palavra que está em nosso corpo e se constrói a partir da ação e da reflexão, que estão juntas de maneira radical, profunda. E a palavra verdadeira só pode ser constituída no diálogo, ninguém pode dizer essa palavra sozinha/o.

É por isso que os 5 princípios do Bairro Educador são as nossas palavras verdadeiras, pois se instalaram nos corpos de todas e todos nós. São o nosso direito reivindicado e conquistado de transformar o mundo, pronunciando-o. São o nosso direito conquistado e reivindicado de existir enquanto sujeitos que, ao entender a relação entre o silêncio que nos é imposto e o sistema de exploração, tomam para si o compromisso de entrar na história, transformá-la e por ela sermos transforma-



Rua de Heliópolis

Fonte: Acervo UNAS

das/os. Ou como disse nossa eterna Arlete Persoli:

Arlete Persoli



Fonte: Acervo UNAS

ARLETE PERSOLI: Não é possível hoje a gente falar em educação, pensando nas escolas da comunidade, que atendem os alunos da comunidade, as escolas como uma ilha, né? Apartadas do que acontece em torno, sem conhecer a história desses alunos, o que sentem esses alunos, o que traz essa família, individual e coletivamente (...) é fazer tudo isso crescer, é fazer parte da cidade de São Paulo, ser uma referência dentro da cidade de São

Paulo. Eu acho que a comunidade de Heliópolis tem essa condição, tem esse potencial. Ela tem história, tem história bonita, né? Marcada por luta, por resistência. Ela tem organização e ela tem uma coisa fundamental que é a questão da solidariedade, apesar de vivermos numa sociedade que prima pelo individualismo e a gente lutar contra essa maré. A solidariedade existe aqui dentro da comunidade. Às vezes a gente percebe essa solidariedade da maneira mais inusitada, né? Num detalhe ou numa coisa maior onde a gente acredita que ela vá aparecer ou às vezes onde a gente nem imagina que isso possa acontecer, isso se revela. E a história revela isso. Não a história que ficou só lá no passado, mas a história que a gente vive no momento.²

2 - Entrevista ao Projeto Memórias de Heliópolis. Arlete Persoli foi a primeira gestora do equipamento público de Heliópolis que hoje leva o seu nome. Sua importância para a educação da cidade e do Bairro Educador é imensurável e reverbera nos corações e mentes de quem a conheceu.

DE FAVELA A BAIRRO EDUCADOR³

O Edmundo contava que tinha um cabra que dizia, com certo orgulho: “sou o primeiro atropelado de Heliópolis!”

Oxi! Coisa estranha assim um camarada que diz ter orgulho de ser um atropelado! Mas é que, se a gente olhar bem, o orgulho mesmo foi de ser o primeiro e, assim, entrar no tempo de um algum lugar. Porque o que faz um lugar são essas coisas – algumas delas bem pequeninhas, outras maiorzonnas.

Quadra de Heliópolis



Fonte: Douglas Cavalcante

Figueira CEU Heliópolis



Fonte: Acervo UNAS

Tem também o banho de tanque da Marizete enquanto sua mãe lavava roupa, o abacateiro da D. Zoraide, a SABESP que o pessoal usava como piscina, o Fuá contou que até gente morreu ali! Tem as lágrimas derramadas pelas professoras ao descobrirem que seu aluno só tinha duas camisas: uma pra ir pra escola, e uma pra jogar bola, contou o Geraldo. Ou a bala de revólver furando o colchão dos pais do Tom.

*O que faz um lugar é o tempo
em que as miudezas pequenas e grandes
acontecem em um espaço,
como aconteceu por aqui...*

3 - Título inspirado em: Santis, Marília de. De favela a bairro educador: protagonismo comunitário em Heliópolis. São Paulo. 2014. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/779>, consultado em 19/09/2021.

A história de Heliópolis e região é a história das pessoas que aqui puseram seus pés no barro e construíram suas moradias com suor e esperança de um dia viverem dias melhores. As primeiras ocupações começaram com a construção do Hospital Heliópolis já nos anos 1960, e foram seguidas por outras tantas famílias que fincaram seus barracos que em sua maioria, hoje, são de alvenaria.

Foi entre 1971 e 1972 que a prefeitura de São Paulo retirou 153 famílias da Vila Prudente e as acomodou “provisoriamente” na área próxima ao Hospital Heliópolis para a construção de anéis viários sobre o Rio Tamanduateí. Anos depois, em 1978, mais uma remoção foi feita pela prefeitura, dessa vez com 60 famílias que moravam na favela Vergueiro. Esses alojamentos, que eram para ser provisórios, tornaram-se permanentes.

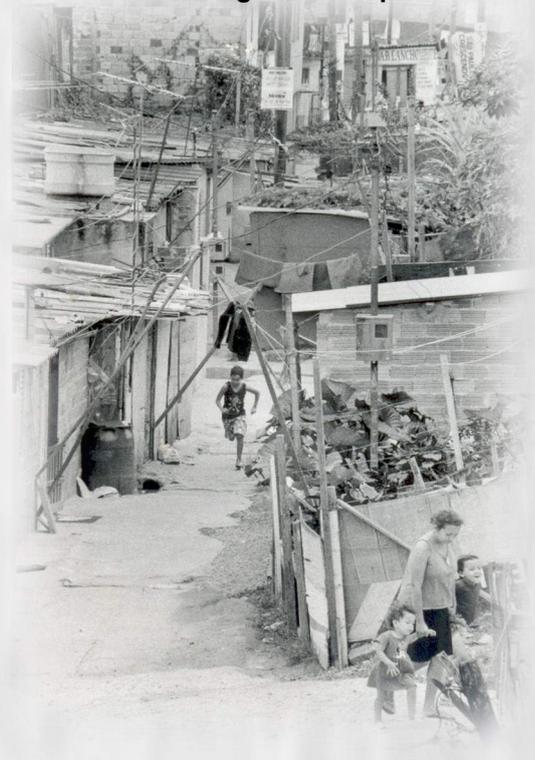
Pouco a pouco, outras famílias foram chegando e construindo novos barracos no entorno dos alojamentos e das bicas d’água. Mães, jovens, trabalhadoras e trabalhadores que compartilham até hoje a luta diária para sobreviver, sustentar suas casas e fazer valer seus direitos de ser gente.

Aliás, as minas d’água tiveram grande importância para o movimento social em Heliópolis - que é também uma região rica em córregos e pequenos riachos, além de remanescentes da Mata Atlântica.

Esses locais se tornaram referência para os moradores no início da década de 1980, pois viraram pontos de encontro em Heliópolis. Ao redor das minas d’água, os moradores se mobilizavam para resolver os problemas da comunidade.

A área conhecida hoje como Heliópolis possui aproximadamente 1 milhão de metros quadrados e se localiza na região sudeste da cidade de São Paulo, a 8 km do centro. Os da-

Rua antiga de Heliópolis



Fonte: Acervo UNAS

Alojamentos Provisórios



Fonte: Acervo UNAS

dos sobre os números atuais de moradores são controversos e evidenciam uma disputa político-ideológica na demarcação da região. Segundo o Censo de 2010, a comunidade seria formada por 12.105 domicílios totalizando uma população de 41.118 pessoas, mas esses números são contestados pelo observatório comunitário “De Olho na Quebrada”. Segundo seu levantamento, Heliópolis é habitado por cerca de 200 mil pessoas.

Desde o início, a ocupação desse território foi conflituosa. A história da comunidade é marcada por diversas disputas: tanto com os grileiros - que pretendiam impedir as ocupações e comercializar uma terra que não lhes pertencia, exigindo dos moradores pagamento de alugueis indevidos -, quanto com os órgãos de repressão do estado sob a ditadura militar.

Foi nesse contexto de conflitos e luta pelo direito de ter onde morar e por condições mais dignas de vida que surgiram as associações e lideranças comunitárias locais – o que tornou a mobilização da população em Heliópolis exemplar.

Nesse momento, a comunidade se organizava em diferentes Núcleos que eram solidários entre si na luta pela terra. Nos depoimentos das pessoas que viveram essa época, é comum o relato de que se um Núcleo estivesse ameaçado, todos os outros ajudariam a defendê-lo. Os moradores entendiam que se uma casa fosse derrubada, todas seriam.

Mutirão



Fonte: Acervo UNAS

JOÃO MIRANDA: Aqui tem história de mutirão. Aqui o mutirão não era em laje como a gente fez depois, de encher um a laje do outro, que aí já tava num segundo processo. O primeiro processo era de bater mesmo prego no madeirite de noite, de madrugada, sabe? Pra fazer os barraquinhos pra quando chegasse a polícia de manhã, as famílias já tá com os filhos dentro do barraco (...). Eu adoro isso aqui, eu gosto muito do Heliópolis, porque aqui me deu o que eu tenho hoje, do ponto de vista do aprendizado, né? De acreditar no coletivo, de entender que não é eu sozinho que tava aqui.⁴



Fonte: Acervo UNAS

Sede Associação de Moradores



Fonte: Acervo UNAS

No final dos anos 1980, os Núcleos sentiram a necessidade de se unir sob uma única organização a fim de fortalecer suas reivindicações junto ao poder público – principalmente nas demandas por habitação e regularização de terras. Assim surgiu a União de Núcleos e Associações de Moradores de Heliópolis e região (UNAS).

Sede da UNAS



Fonte: Acervo UNAS

Hoje, a UNAS é a maior e mais representativa organização civil local. Seus serviços, projetos e parcerias atendem a comunidade de Heliópolis e região em diversos âmbitos: moradia, educação, cultura, saúde, meio ambiente, esporte, lazer, geração de renda e etc.

4 - Documentário “Heliópolis: Bairro Educador”. Disponível em: [Heliópolis Bairro Educador - Documentário](#), consultado em 26/10/2021.

Antônia Cleide Alves



Fonte: Acervo UNAS

ANTÔNIA CLEIDE ALVES: *As nossas crianças tinham vergonha de ir pra escola porque eles iam com pé de barro e eram excluídos, eram vistos como favelados, né? E naquele período a gente não tinha aquela autoestima no sentido de se orgulhar de morar aqui, pelo contrário, você tinha que se esconder, porque você não arrumava emprego, tinha que dar outro endereço. (...)*

A gente começou a ir atrás de projeto, a gente começou voluntário. As mães tinham que trabalhar, as crianças ficavam fechadas em casa. Naquele período a violência estava muito grande, as crianças na rua corriam o risco de uma bala perdida, enfim. (...) E aí nesses espaços que a gente já tinha reservado antes, os centros comunitários onde a gente fazia os encontros (...) esses espaços a gente reverteu pra poder abrir os CCAs. Então a gente atendia voluntariamente, ia atrás de doação de alimentação, depois a gente conseguia o convênio.⁵

A comunhão entre solidariedade, sabedoria de resistência à injustiça e organização política - com a criação de comissões, alianças, abaixo-assinados, comunicação popular e demais práticas - fazem da organização comunitária um verdadeiro processo de educação cidadã. Essa educação acumula e constrói conhecimento sobre os direitos de todos e todas, intervindo e mesmo orientando as políticas públicas na região. Assim, Heliópolis se volta para a construção das premissas e estratégias de um Bairro Educador: um bairro que tem a educação como eixo condutor e organizador da comunidade na luta por seus direitos.

Detalhe da quadra da UNAS



Fonte: Acervo UNAS

O movimento pelo Bairro Educador também tem como origem a relação estabelecida entre a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Pres. Campos Salles e a comunidade organizada, aprofundada pela gestão do diretor Braz Nogueira em articulação com as lideranças comunitárias da UNAS. Ainda nos anos 1990, a escola adotou em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) dois princípios:

TUDO PASSA PELA EDUCAÇÃO

A educação é um processo muito amplo, pois abrange toda a formação dos seres humanos, que se educam mutuamente. Dessa forma todos os espaços possuem um potencial educativo (não apenas a escola) e a qualquer tempo, em todas as idades, se aprende. Portanto, toda a sociedade é responsável pelos processos de formação.

A ESCOLA COMO CENTRO DE LIDERANÇA

A atuação da escola deve ocorrer de modo articulado com as lideranças da comunidade onde ela está, de modo a garantir que ela também constitua lideranças.

MESTRE FRASÃO (JURANDYR FRASÃO DA SILVA): *Os professor*

Mestre Frazão

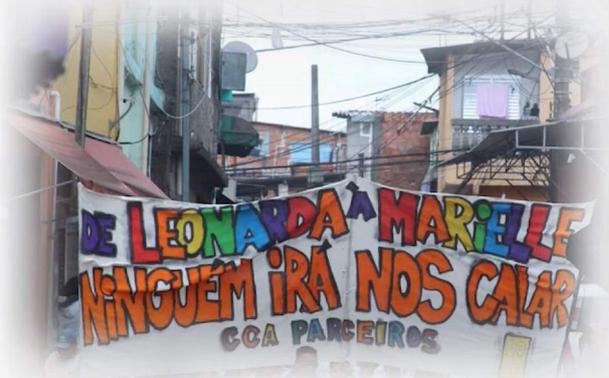


tinha medo de vim dá aula dentro da escola que era do lado da favela. O que que fizeram? Fizeram um conselho gestor, chamaram os pais, ajuntar esse conselho e trabalhar junto com a comunidade. Ó, vocês vão zelar.⁶

Fonte: Doc. Heliópolis, Bairro Educador

Foi assim que a EMEF Pres. Campos Salles assumiu seu lugar de liderança no território. Hoje, outras escolas vão pelo mesmo caminho – ou caminhada...

A Caminhada Pela Paz, tradicional evento que anualmente toma as ruas de Heliópolis, é um dos grandes marcos da articulação escola-comunidade. A mobilização surgiu como proposta de algumas lideranças após o trágico assassinato da estudante da EMEF Pres.



Fonte: Acervo UNAS

Campos Salles, Leonarda Soares Alves, em 1999. Ao longo dos anos, a Caminhada provocou significativas transformações em Heliópolis, como a diminuição da violência e a ocupação da rua como espaço público de convivência e de reivindicação de direitos.

Dessa mobilização surgiu o Movimento Sol da Paz, que articula diversas escolas, equipamentos e projetos sociais em torno da transformação de Heliópolis em um Bairro Educador. Tem como principal lema “A paz é de todes ou não é de ninguém”. Além disso, também inspirou o surgimento, alguns anos depois, de outro Movimento e Caminhada Pela Paz na região – que engloba bairros como Jd. São Savério, Pq. Bristol, Vila Carioca, entre outros, onde a UNAS também atua.

Em 2007, a EMEF Pres. Campos Salles passou por mais uma transformação: a comunidade escolar decidiu derrubar as paredes das salas de aula, transformando-as em grandes salões de estudo. Com esse movimento, derrubava também as paredes simbólicas que separavam os professores e professoras entre si e essas/es das/os estudantes. Assim, foram acrescentados mais três princípios àqueles dois primeiros:

Prof. Orlando Jeronimo na Caminhada



Fonte: Acervo UNAS

AUTONOMIA, RESPONSABILIDADE E SOLIDARIEDADE

Braz Nogueira



Fonte: Acervo UNAS

Juntos formam um código de ética que deve balizar as ações de todas e todos, uma vez que se busca educar os sujeitos **na** e **para** a autonomia, para a capacidade de tomar decisões e fazer escolhas de modo responsável com sua comunidade, isto é, uma educação para o exercício da autonomia implicada na relação com o outro e com o comum, de forma solidária.

Concomitantemente, a UNAS também passou por uma transformação influenciada pela profunda articulação com a escola. O acesso à moradia digna, até então sua principal bandeira de luta, transformou-se em uma luta pela educação.



Fonte: Acervo UNAS

Genésia Miranda

GENÉSIA MIRANDA: Eu lembro que em alguns momentos gente ficou discutindo as coisas muito em cima da habitação, e isso a gente foi descobrindo no dia a dia que a gente tinha que tá discutindo um pouco a questão da saúde, a questão da educação. A gente não pode tá levando uma luta só da moradia e deixando as outras coisas pra trás, né? Que fazem parte da vida de todo o ser humano.⁷



Fonte: Acervo UNAS

Em 2009, após anos de negociação entre a UNAS, a EMEF Pres. Campos Salles e o poder público, a Prefeitura de São Paulo criou o Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis (CCECH), que foi apelidado carinhosamente pela comunidade de “Polo” por ter uma fundamental importância na articulação de diversos atores sociais e instituições locais no movimento que busca transformar Heliópolis em um Bairro Educador.

Em 2012, dada a relevância da história do bairro e de seus moradores, foi realizado o projeto **Memórias de Heliópolis – Raízes e Contemporaneidades**, viabilizado por uma emenda parlamentar e desenvolvido em conjunto pela UNAS e a gestão do CCECH. Esse projeto tinha o intuito de sistematizar a história do bairro a partir do ponto de vista dos próprios moradores que a viveram. Além disso, tinha como objetivo produzir material que pudesse ser usado pelas escolas, projetos e equipamentos educativos da região, estimulando que esse conteúdo passasse a fazer parte de seus currículos.

Logotipo Projeto Memórias



Fonte: Acervo UNAS

7 - Documentário “Retratos de Genésia”, disponível em: [Retratos de Genesia \(1993\)](#), consultado em 26/10/2021

Projeto Kombi da Memória



Fonte: Acervo UNAS

Em 2013, mediante outra emenda parlamentar, foi desenvolvido o projeto **Kombi da Memória** que, com o mesmo intuito de sistematizar e difundir a memória das/os moradoras/es de Heliópolis, realizou durante o mês de dezembro intervenções em diferentes pontos da comunidade.

Em 2015, o CCECH foi transformado em um Centro Educacional Unificado (CEU), considerando que ambos os programas estavam relacionados, pois foram concebidos como equipamentos públicos construídos **para e com** a comunidade. As histórias dos CEUs e do então CCECH se encontraram, com a diferença de que, em Heliópolis, essa proposta partiu das/os próprias/os moradoras/es organizadas/os.

Até maio de 2020, o Polo tinha uma equipe de gestão nomeada pelo poder público,

Piscina CEU Heliópolis



Fonte: Acervo UNAS

mas que fora escolhida pela comunidade organizada por meio de muita luta. O importante projeto de desenvolvimento local que a UNAS desenvolve, assim como toda a sua história de articulação na luta por direitos, permitiram que a comunidade pudesse escolher as pessoas que cuidariam desse equipamento público. Um poder que tinha sido conquistado pela UNAS e que deveria ser direito de todas as comunidades periféricas.

Mas, infelizmente, as conjunturas políticas mudaram e o contexto foi se tornando cada vez mais autoritário, sob um projeto político pouco democrático que ganhou força não apenas em São Paulo, como em todo o território nacional. A resistência no CEU Heliópolis durou algum tempo e, nesse sentido, muitas lutas foram travadas. Em 2020, porém, a gestão escolhida pela comunidade organizada sofreu um golpe. Da noite para o dia, o então prefeito exonerou toda a equipe sem nenhum tipo de diálogo com quem já vinha há anos desenvolvendo um importante trabalho de gestão democrática.

ANTONIA CLEIDE ALVES: *A perda é a perda de um povo, que pôde assumir a direção para mostrar projetos, ser palco de projetos diferenciados.(...) Lá acontecia, era uma coisa linda demais de ver, de falar, de sonhar. Então ele quebrou o que a gente queria como*

Nomeia-se essa ação do poder público de golpe por não ter sido apresentado o motivo das exonerações. Não houve explicações dadas de forma pública, apesar dos inúmeros pedidos da própria comunidade e muitos grupos da sociedade civil, como universidades e até mesmo parlamentares. Foi também um golpe no desejo de inversão da lógica, que volta a reinar - e que por um tempo em Heliópolis foi realidade no CEU: a de que as/os oprimidas/os ensinem aos opressores que há outro jeito de organizar o mundo, afinal

[...] quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão por acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista na falsa generosidade referida.

Paulo Freire⁹

Ato em repúdio às exonerações da gestão do CEU Heliópolis em 2020



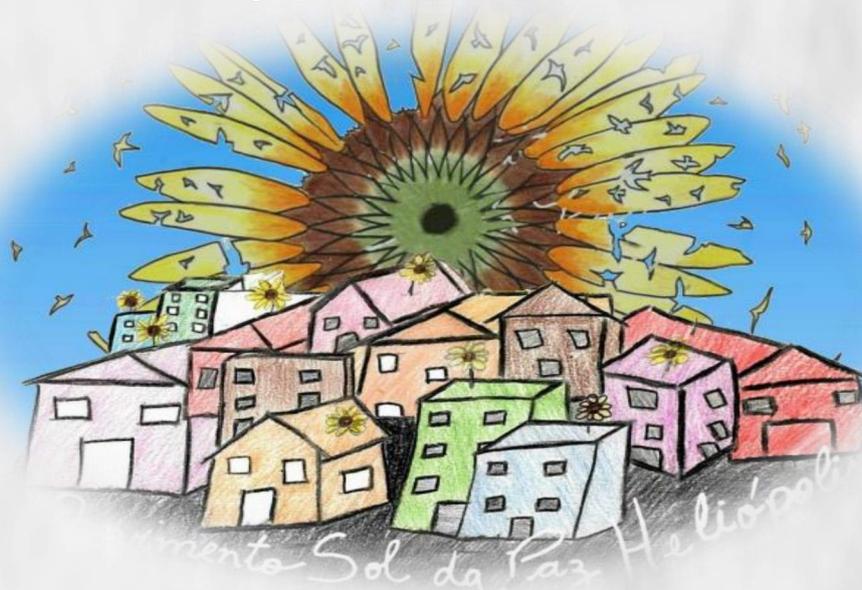
Fonte: Meire Lima

8 - Entrevista realizada em 01/09/2021.

9 - FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2013. Pg.31

Apesar disso, a luta não parou, pois desse encontro entre escola e comunidade organizada nasceu o sonho de transformar Heliópolis em um Bairro Educador, com base nos 5 princípios que o constituem, como constam nas práticas e na missão da UNAS, no PPP da EMEF Presidente Campos Salles e no Movimento Sol da Paz (o de Heliópolis e o da região). Esse é um movimento que vem sendo construído pela articulação das lideranças da comunidade, unidades escolares, moradores, famílias, crianças, adolescentes, jovens etc. que cotidianamente fortalecem a rede de proteção social local.

Logotipo do Movimento Sol da Paz



Fonte: Acervo Movimento Sol da Paz

PARA SABER MAIS...

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2013

Site da UNAS:

<https://www.unas.org.br/memorias>

Documentários:

[Retratos de Genesia \(1993\)](#)

[Heliópolis Bairro Educador - Documentário](#)

O QUE É O BAIRRO EDUCADOR?

Genário

O BAIRRO EDUCADOR É
MOVIMENTO DE PESSOAS

GENÁRIO¹⁰



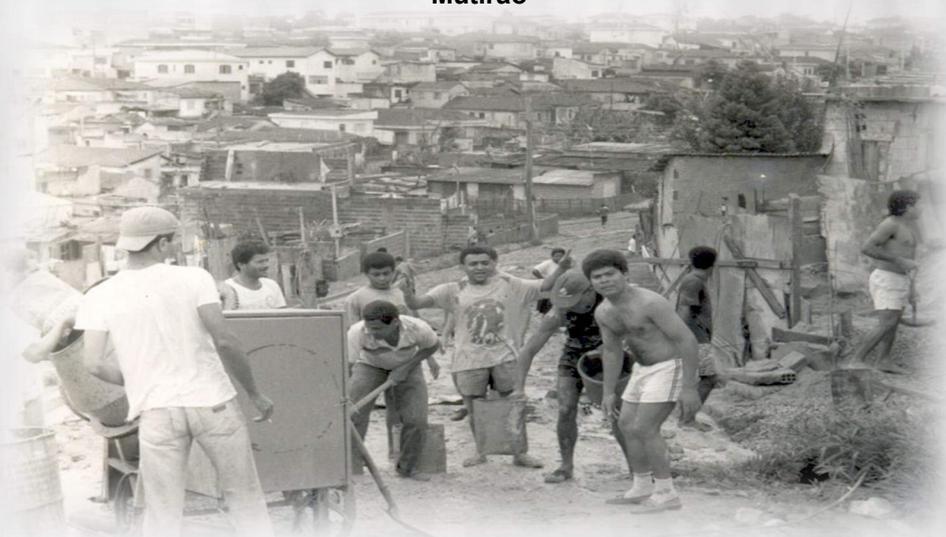
Fonte: Meire Lima

A noção de Bairro Educador se construiu historicamente a partir da luta da comunidade organizada - até mesmo antes do conceito ser elaborado de forma consciente. Essa noção foi surgindo pela percepção de que a escola é apenas uma parte do que chamamos de educação, e também como decorrência da compreensão de que as políticas públicas deveriam ser formuladas de maneira intersecretarial e com a participação intensa da população.

Quer dizer, o Bairro Educador parte da ideia de que o povo tem não só direito, como competência para construir junto aos nossos governantes, as políticas que garantirão os direitos de todos e todas.

Mas essa ideia não surgiu ao acaso, além de ter sido desenvolvida na própria luta do povo de Heliópolis, se junta a outras noções e conceitos.

Mutirão



Fonte: Acervo UNAS

Educação Integral

É tudo que eles fazem, os projetos deles com as crianças, entendeu? É atividade, é tudo, tudo... É... a natureza daqui...

D. Leninha



Fonte: Acervo Pessoal

D. Leninha¹¹

Uma dessas noções que se desenvolveram junto à ideia do Bairro Educador é o conceito de Educação Integral. Durante as décadas de 1920 e 1930, foi construída no Brasil uma concepção que via a Educação Integral como uma forma de levar o país à modernização e, especialmente, ao desenvolvimento democrático.

Essa concepção foi desenvolvida a partir de uma crítica ao modelo tradicional de escola, considerado ultrapassado e excludente – especialmente com respeito às necessidades, demandas, saberes e culturas das classes populares. A ideia principal é de que a educação, como prática humana, se dá em diversos espaços, não apenas na escola, e durante toda a vida de uma pessoa, e não apenas quando ela é criança.

Embora as experiências brasileiras em Educação Integral sejam muitas e diversas, há algumas semelhanças entre elas:

- * Ampliam os espaços e os tempos em que ocorrem as aprendizagens;
- * Consideram a relação entre o desenvolvimento local e a participação comunitária;
- * Buscam uma renovação do papel social desempenhado pela escola;
- * Buscam democratizar os projetos educacionais como um todo.¹²

BRAZ NOGUEIRA: *[...] pra mim o objetivo é a melhoria da qualidade de vida, e a gente tem que estar junto pra poder reivindicar ao poder público esse atendimento aos direitos das pessoas [...] aqui todo mundo é sujeito, e todo mundo tem responsabilidade. Aqui nós estamos trabalhando para um outro tipo de escola [...] [que deve] encarar a criança como um ser integral, como um ser completo, como um ser competente para decidir.¹³*

11 - Fala coletada em vídeo institucional não publicado.

12 - Santis, Marília de. De favela a bairro educador: protagonismo comunitário em Heliópolis. São Paulo. 2014. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/779>, consultado em 19/09/2021. Pg. 108

13 - Santis, Marília de. De favela a bairro educador: protagonismo comunitário em Heliópolis. São Paulo. 2014. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/779>, consultado em 19/09/2021. Pg. 90. Grifo Nosso.

Cidades Educadoras

Victor

É um bairro que educa, tipo os CCAs e as escolas aqui do Campos Salles e do CEU Heliópolis.

Victor¹⁴

Fonte: Acervo Pessoal

Biblioteca Comunitária



Fonte: Acervo UNAS

Quando entendemos que a educação é uma prática humana permanente e que ela acontece em outros espaços para além da escola, começamos a reconhecer outros lugares como educativos também - às vezes até mais do que a própria escola. Nesse sentido, a cidade pode se tornar um mar de possibilidades de aprendizagem.

Em Barcelona, nos anos 1990, desenvolveu-se inicialmente dentre urbanistas um movimento que tomava como pressuposto o caráter educativo intrínseco às cidades. A cidade passava a ser entendida como um sistema complexo e ao mesmo tempo um agente educativo permanente, uma vez que comporta elementos importantes para uma formação integral. O argumento central para a escolha da cidade enquanto esfera de poder se baseia no fato de que o sistema municipal, por sua proximidade com as cidadãs e os cidadãos, é o mais aberto e o mais transparente.

Projeto Kombi da Memória



Fonte: Acervo UNAS

Rua de Heliópolis



Fonte: Cacá Bernardes

O Movimento das Cidades Educadoras, hoje amplamente difundido em diversos países do mundo, é mais do que um projeto de planejamento urbano. Trata-se de uma proposta que busca ressignificar as dimensões de construção das políticas públicas tomando as pessoas como centro dessa construção. Em resumo, pressupõe um arranjo local que mobiliza e articula em torno da garantia de direitos diversos atores, saberes, culturas, instituições etc., e toma como central o direito à educação.

ESPERANÇA COMO PERSPECTIVA POLÍTICA¹⁹

Tá muito ligado ao futuro e principalmente à juventude né? Então a gente tem aí uma comunidade muito alegre, uma comunidade muito unida, uma comunidade jovem (....) o Bairro Educador proporciona isso, esses jovens estarem participando, sabe? Da questão cultural, educacional, política... Reginaldo¹⁵

Reginaldo



Fonte: Acervo UNAS

Festa da Cultura Popular



Fonte: Acervo UNAS

O Bairro Educador de Heliópolis é também uma forma de consolidar o protagonismo comunitário. Para tanto, é necessário que a educação que se pratica em Heliópolis seja comprometida com a formação política dos sujeitos que lá convivem e que promova uma inserção crítica na História, de modo que facilite a tomada de consciência das pessoas, para que elas possam agir na direção da transformação do mundo.

O movimento que transforma Heliópolis em um Bairro Educador também o transforma em um Bairro Educando, pois suas gentes transformam o mundo dia a dia, por meio da sua luta, das suas ações, das suas práticas educativas.

Talvez o maior dos desafios das/os educadoras/es democráticas/os seja ser coerente ou, como diz Paulo Freire, seja diminuir a distância entre o que falamos e o que fazemos. Para tanto, uma das coisas que precisamos fazer é adotar uma postura éticopolítica.

Foliópolis



Fonte: Acervo UNAS

Para que serve o ensino da matemática, se não para causar assombro diante de uma realidade brasileira que produziu 8 novos bilionários e 7,5 milhões de famintos ao mesmo tempo, durante a pandemia do Coronavírus em 2020?

Crianças no CEU Heliópolis



Fonte: Acervo Agência RBS

Paulo Freire nos ajuda com uma ideia que nomeou de **pensar certo**. Ela nos fala sobre um agir na realidade pautado na denúncia de um mundo que nos desumaniza, que tira de nós o futuro como possibilidade, uma vez que o encara como algo já dado. E, justamente ao fazermos essa denúncia (demonstrando que as coisas não são naturais e sim criadas pela história), o futuro nos é devolvido e se anuncia a esperança como perspectiva política. É uma postura que denuncia as injustiças ao mesmo tempo em que mostra que elas podem ser superadas. Trata-se então de um compromisso histórico.

Essa postura é também uma aposta profunda nas pessoas e em sua capacidade de lutar, de ter esperança na construção de um mundo melhor. Assim, especialmente para as/os oprimidas/os, sonhar é não só uma exigência do pensar certo de Paulo Freire, mas o lugar onde reside a sua própria capacidade de transformação.

PARA SABER MAIS...

FREIRE, Paulo. “Educação permanente e as Cidades Educativas”. In: FREIRE, Paulo e FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **Política e Educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SANTIS, Marília de. **De favela a bairro educador: protagonismo comunitário em Heliópolis**. São Paulo. 2014.

Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/779>, consultado em 19/09/2021.

APROFUNDANDO OS 5 PRINCÍPIOS

Tudo passa pela Educação

Este é o primeiro princípio do Bairro Educador, porque ele parte de uma concepção de educação muito importante para nós. Essa concepção tem como premissa que é próprio do ser humano aprender e ensinar. Ou seja, não é possível ser gente sem de alguma forma estar implicado em uma ação educativa – ou estamos aprendendo ou estamos ensinando, sempre em comunhão umas/uns com as/os outras/os.

Cursinho Preparatório para a ETEC



Fonte: Acervo UNAS

Por isso, onde tem gente, tem educação. Só que a gente só aprende a ser humano convivendo com outros seres humanos. Isso é uma das coisas

Teatro de Fantoques CEI da UNAS



Fonte: Acervo UNAS

que nos diferencia de outros animais. Pensemos em um exemplo meio maluco: imagine um bebê humano que é criado por um agrupamento de formigas. Se esse bebê sobreviver, provavelmente ele se comportará como uma formiga, pois foi na convivência com elas que ele foi aprendendo a ser. Por outro lado, imagine uma formiga bebê criada por um grupo de humanos, provavelmente ela não se comportaria como um ser humano ao crescer, né?

É por isso que dizemos que essa educação se faz essencialmente no coletivo e com um diálogo autêntico, pois é por meio dele que nos tornamos capazes de olhar para nós mesmas/os e para o mundo como um processo em construção, em transformação. Além disso, o diálogo autêntico, que surge de uma postura ética, sabe que não sabe de tudo e, mais, sabe ainda que a/o outra/o também tem saberes. Na realidade, o conhecimento emerge dessa comunicação crítica e esperançosa.

Em Heliópolis todas e todos nós somos educadoras/es. Por meio dessa partilha de modos diferentes de dizer o mundo, nosso desafio é gerar novos saberes, comungando nossos sonhos para juntos construirmos um mundo mais justo para todas e todos.

Roda de Capoeira



Fonte: Acervo UNAS

A escola como centro de liderança

Encontro de Comissões Mediadoras



Fonte: Acervo UNAS

Se aprender e, conseqüentemente, ensinar, não é uma coisa que acontece só na escola, e se há uma incrível diversidade de saberes que se constroem no diálogo e na convivência entre as pessoas, o que pode a escola (ou qualquer outra instituição que seja educativa, como os CCAs, por exemplo)? O segundo princípio do Bairro Educador nos ajuda a pensar sobre isso.

Uma das coisas que se aprende em Heliópolis é que a escola pública é um espaço público. Parece óbvio, mas não é. Vamos pensar: exatamente para quem trabalha uma servidora pública? Se ela atuasse em uma empresa, seria mais fácil responder, pois provavelmente trabalharia para que o seu patrão obtivesse lucro, em troca de um salário. Mas e na escola pública?

Os espaços públicos em geral são ambientes que possibilitam a convivência entre pessoas diferentes e, para tanto, é preciso que haja uma espécie de negociação sobre os usos desses espaços.

Quando convivemos em um local que é de todas/os, estamos promovendo uma experiência de cidadania. Pensando assim, podemos concluir que a condição de cidadã ou cidadão não nos é dada de pronto. Ela se realiza quando “usamos” nossos direitos de modo geral e quando construímos junto com as/os outras/os a nossa vida coletiva. Por isso, ao participar da vida social, usufruindo de seus direitos, o cidadão e a cidadã também transformam a democracia contribuindo tanto com a garantia desses próprios direitos, quanto com a criação de direitos novos que surgem da própria negociação entre as pessoas.

Assim, a promoção de cidadania é uma prática, o que significa dizer que só é possível **aprender** a ser cidadão ou cidadã **sendo** uma cidadã ou um cidadão. Quando uma pessoa pratica cidadania, ela ensina outras pessoas a serem cidadãs também. Por isso, a cidadania é ao mesmo tempo um ato político e pedagógico. Mas o que isso tem a ver com a escola ser um centro de liderança?

É que a escola é um espaço de cidadania, no qual exercemos um dos nossos direitos mais importantes: o direito à educação. E, a partir desse exercício, a escola deve estar em luta pela garantia dos outros direitos, de forma articulada às outras pessoas que fazem essa luta na comunidade onde ela está inserida. Assim, a escola também pode formar novas lideranças.

Conferência da Criança e do Adolescente



Fonte: Acervo UNAS

A Autonomia

Visita à Feira CEI da UNAS



Fonte: Acervo UNAS

No dicionário, a palavra autonomia significa a capacidade de governar-se por seus próprios meios, ou seja, a liberdade de se autogovernar. No entanto, ainda que exercida por uma pessoa, a autonomia só pode ser aprendida coletivamente (como todas as coisas, aliás).

É que a autonomia não nasce com a gente. Ela é uma construção que se dá na experiência com o mundo, e essa experiência está marcada pelas condições em que cada um/a nasce. Condições políticas, de classe social, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual etc. A autonomia, ou a capacidade de autogoverno, é por isso sempre relativa.

Em Heliópolis, sabemos de uma coisa: um grupo de pessoas unidas em torno de um projeto, um ideal, um sonho, tem maior autonomia do que uma pessoa sozinha, pois essa união é capaz de ampliar e garantir direitos.

Por isso, só há sentido ético no conceito de autonomia que estamos construindo aqui se ela for exercida de modo que o indivíduo considere as consequências do que faz. Isto é, se ele se auto governa com responsabilidade.

Encontro da Juventude



Fonte: Acervo UNAS

Genésia Miranda



Fonte: Acervo UNAS

GENÉSIA MIRANDA: [...] o nosso planejamento é sempre trabalhar nessa aprendizagem do menino: ele tem que ser um cidadão conhecedor de suas histórias, para que ele pense e transforme essa situação. E para transformar, o poder que nós vamos ter é o poder da união (...) tem outro jeito de re-

solver... que é questionar, que é lutar, que é se unir com esse grupo tão grande que não tem nada, e lutar.¹⁶

A Responsabilidade

Maria Antônia Fulgêncio no Encontro da UNAS 2018

Vamos recorrer mais uma vez ao dicionário. Lá encontraremos que a responsabilidade é a capacidade do indivíduo de assumir as consequências de suas próprias ações, de responder pelos seus atos.

Mas no dia a dia nem sempre esse princípio é fácil de ser vivenciado, pois ele exige uma capacidade grande de realizar leituras de mundo, isto é, de realizar análises dos contextos nos quais cada ação se dará e, assim, avaliar suas consequências práticas.

Desse ponto de vista, às vezes, o princípio da responsabilidade pode implicar até mesmo em desobedecer a certas leis, autoridades ou costumes. Isso se dá porque, por vezes, a experiência coletiva em um mundo desigual e injusto, como é o mundo capitalista, torna alguns atos normais, comuns, naturais... Sabe aquela ideia fatalista do “sempre foi assim”?

Então, essa forma de organização do mundo pode esconder, até de nós mesmas/os, a nossa responsabilidade pelas ações que praticamos e que sempre reverberam de alguma forma nesse mesmo mundo. Por isso, a autonomia do indivíduo tem um papel importante no que se refere à não participação, ainda que nem sempre a gente consiga “não participar” dada a violência das formas de opressão que estão dadas.

Uma possibilidade para que nos responsabilizemos pelas nossas ações é a nossa capacidade de reflexão, de fazer leituras de mundo, o “pensar certo” de Paulo Freire.

Roda de Conversa do Movimento Fala Jovem



Fonte: Acervo UNAS

Os cinco princípios do Bairro Educador, como foram sendo construídos ao longo de nossa história e de forma coletiva, nos ajudam a fazer melhores escolhas... Como definir critérios para fazer essas escolhas?



Fonte: Acervo UNAS

A Solidariedade

Caminhada contra a Dengue 2016

A capacidade de fazer reflexões, de pensar desta ou daquela forma se dá no diálogo. O pensamento de uma pessoa está sempre conversando com reflexões de outras pessoas. Dessa maneira, a gente vai construindo a vida coletiva.



Fonte: Acervo UNAS

Mas para tanto, é necessário que cada indivíduo tenha um lugar no mundo que seja reconhecido e garantido pelas/os outras/os. A nossa existência, nesse sentido, implica em uma relação de reconhecimento mútuo entre as pessoas. Este reconhecimento é parte inerente da construção da identidade de todas/os e de cada um/a.

A solidariedade é, então, o sentimento que surge quando um “eu” reconhece a existência das/os “outras/os”, como dotados de direitos e deveres, assim como o próprio “eu” que reconhece.

COPA ECA



Fonte: Acervo UNAS

É só através de uma diversidade de percepções sobre a realidade que se pode construir confiança na própria experiência. A vida é, então, a reunião das singularidades que coabitam um mundo comum que, por sua vez, formam uma diversidade de perspectivas compartilhadas. A solidariedade é um princípio que garante tanto o reconhecimento da existência do outro, quanto o reconhecimento da importância de uma esfera comum para que isso se dê.

Corrida de Heliópolis



Em Heliópolis a solidariedade é o princípio que dá razão de ser aos outros princípios, pois é ela que deve impulsionar as ações realizadas em torno do movimento de transformação da comunidade em um Bairro Educador. A solidariedade é, talvez, o começo: o motivo que faz com que as pessoas orientem suas práticas a partir dos cinco princípios, e também o fim: o lugar onde queremos chegar.

Fonte: Acervo UNAS

BIBLIOGRAFIA

- ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Perspectiva: São Paulo, 2004.
- ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARENDR, Hannah. *O Julgamento de Eichmann - A Banalidade do mal*. Perspectiva: São Paulo, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense: São Paulo, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é o método Paulo Freire?*. Brasiliense: São Paulo, 1985.
- CEU Heliópolis Profª Arlete Persoli. *PPP – Memórias e Identidades – raízes e contemporaneidade*. São Paulo, 2020.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. Ed. Ática: São Paulo, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. En: *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, N° 1 (jun. 2008)*. Buenos Aires: CLACSO, 2008.
- COSTA, Natacha. **Educação, Cidade e Democracia: a agenda do bairro-escola**. In: SINGER, Helena (org.). *Territórios Educativos – Experiências em Diálogo com o Bairro-Escola*. Moderna: São Paulo, 2015. (Col. Territórios Educativos; Vol. 1).
- FREIRE, Paulo; Freire, Ana Maria de Araújo (org.). *Educação e Política*. Paz e Terra: São Paulo, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2013
- FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade e outros escritos*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2015.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. Cortez: São Paulo, 1989.
- GAGNEBIN, Jeanne Marrie. *História e Narração em W. Benjamin*. Perspectiva: São Paulo, 2009.
- MOLL, Jaqueline (e colaboradores). *Caminhos da Educação Integral no Brasil – direito a outros tempos e espaços educativos*. Penso: Porto Alegre, 2012.
- PERSOLI, Arlete; SANTIS, Marília de (org.). *Memórias de Heliópolis – Raízes e Contemporaneidades*. Kuzuá: São Paulo, 2012.
- SANTIS, Marília de. *De favela a bairro educador: protagonismo comunitário em Heliópolis*. São Paulo. 2014. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/779>, consultado em 19/09/2021.
- SOARES, Claudia Cruz. *Heliópolis: Práticas educativas na paisagem*. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-01062010-104827/pt-br.php>, consultado em 22/11/2021
- STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire. Autêntica*.

Outros

Percursos – “Educação em transformação”, disponível em: <https://percursosdotblog.wordpress.com/>. Consultado em 10/11/2020

<https://www.unas.org.br/memorias>, consultado em 22/11/2020

<https://museuheliopolis.unas.org.br/>

O investimento aqui é em liberdade de expressão, eu me coloco em uma posição de que sou importante, essa conquista vou fazer em todos os momentos, pra mostrar pra todos que eu sou importante.

Genésia Miranda